

# Comunicação na família

É de elementar justiça que agradeça o convite para estar convosco aqui, esta tarde. E é igualmente justo que agradeça a presença de cada um de vós. Estou perante um grupo de corajosos, porque o trabalho que nos espera não vai ser simples: nem para vós, nem para mim – tantas são as linhas de força que o tema sugere.

Esperam-nos dois momentos maiores de reflexão:

Num primeiro momento, em dois tempos, pensaremos na *família* que *comunica* e *se comunica*. Depois, olharemos para a família sob o impacto da comunicação externa.

Ao preparar este encontro tomei uma decisão: não recorrer a qualquer um dos meios que a organização estava disposta a disponibilizar-me. Nomeadamente, projectores por onde pudesse, por exemplo, passar um PowerPoint ou, no mínimo, alguma afirmação mais impactante.

O sinal que pretendo transmitir é este: quero que cada um de nós esteja mais centrado no outro e no que tem a dizer-nos do que nos meios usados para isso. Não quero que nada -- mas mesmo nada – se interponha entre os nossos olhares.

## I

### A família que comunica

Começo por uma declaração de interesse: tenho para mim que uma das fontes das nossas crises, nos mais variados âmbitos, é a falta de comunicação; o que parece paradoxal, numa época em que, supostamente, estamos continuamente ligados, conectados.

Num livro que, nos intervalos dos dias, tento escrever, pus um dos personagens a exclamar: «Admitamo-lo; andamos realmente distraídos. Instalados na rotina, pensamos que amamos, quando a verdade é que nos limitamos a passar pela vida uns dos outros. Somos uma espécie de tangente humana, na família, no emprego, na rua. Não será até por causa disso que anda por aí a moda de dar ou pedir abraços de graça?»

Não investimos nos afectos. Os que alguma vez se declararam amantes deram-se de imediato como pertença eterna e tácita; mas espantam-se e rasgam as vestes no dia em que descobrem que, permanecendo juntos, há muito não estão unidos!...»

Este desabafo revela a minha visão sobre esta pressa que nos isola; sobre este ruído que nos ensurdece; sobre o enorme conjunto de relações que são apenas *relações*; sobre o frio das nossas casas que, se nos descuidarmos, podem virar centro de dia por onde passamos ou albergue onde pernoitamos.

É certo que ainda vamos falando. Mas apenas *falar não é dialogar...*

Quando nos limitamos a falar, a conversa é funcional, utilitária: está cheia de recados, desabafos ou recomendações; é uma espécie de lista de compras ou o elenco das tarefas, determinando quem faz o quê, a fim de que tudo funcione mais ou menos. Mas uma troca meramente utilitária de opiniões está longe do conteúdo íntimo e pessoal que o diálogo supõe: as dores, as alegrias, as esperanças, os desejos; ou seja, a revelação. Por outras palavras, tudo aquilo que não se diz num minuto -- já com a chave na porta ou a partir da janela do carro; nem se resolve com um post-it colorido na porta do frigorífico ou no espelho da casa de banho...

A comunicação que quero valorizar não é mera informação e nem sequer mero intercâmbio de ideias. É, na feliz expressão de Vannúzia Peres (em “A verdadeira comunicação na família”), «a possibilidade de o sujeito expressar a sua singularidade, definir-se ao entrar em contacto com a singularidade do outro, da forma mais profunda possível». Falei, por isso, em revelação; mas também poderia chamar-lhe “desvelação”!

É esta comunicação que deve – digo-o já – encher as nossas famílias. De facto, uma relação autêntica na família exige que as diferentes gerações que a integram (avós, pais e filhos) se conheçam e valorizem mutuamente. Mas para tanto, repito, não basta partilhar -- «sendo imprescindível (e volto a citar Vannúzia Peres) a expressão verdadeira do sujeito como forma de afirmar a sua singularidade» no espaço doméstico.

Sem comunicação assim não há comunhão. Sem comunhão, estamos juntos mas não estamos unidos. E mesmo que ainda se fale de amor, já não se vive o amor!

O Padre Nicolás Shwizer diz disto muito bem, quando escreve: «Os problemas de saúde, os problemas habitacionais, os problemas económicos, todos podem ser muito angustiantes, mas são externos. Ameaçam o amor, certamente, mas a partir do exterior. Ao contrário, a falta de diálogo fere a raiz do amor, a essência do amor».

Damos demasiadas vezes como adquirido que somos família, apenas porque nos atam laços de sangue. Importa ter em conta que o vínculo mais vinculante não é dado pela carne nem pelo sangue (*Jesus dixit...*), mas pela revelação que se faz e se acolhe. Para poder amar, há, de facto, que conhecer-se a si mesmo, dar-se a conhecer ao outro e dar-se ao trabalho de conhecer o outro!

Vamos seguir este caminho...

### **1. Antes de mais, a comunicação intrapessoal**

O autoconhecimento é indispensável para quem deseja estabelecer uma relação e garantir a sua durabilidade. De facto, só conhecendo-nos a nós mesmos podemos revelar-nos com verdade. Pelo contrário, quem não se conhece imagina-se e mente ao dizer-se. Também pode mentir se não se ama a si mesmo; neste caso, facilmente cai na tentação de dizer de si o que julga ser desejado pelo outro -- com efeitos catastróficos: este casa com um sonho e, mais dia, menos dia, acordará com um pesadelo!..

Assentemos, então, nisto: só nos revelamos correctamente se, antes, sinceramente, falamos connosco...

É a comunicação intrapessoal que permite, após reflexão, organizar e revelar, coordenar e integrar as muitas vozes que temos dentro.

Noutro momento, pela comunicação interpessoal, haveremos de saber coisas, experimentar afectos, dizer e receber diferentes visões do mundo. Mas só tiraremos desse encontro o devido proveito se já tivermos gerido as nossas tendências contraditórias.

## **2. A comunicação que nos revela**

Feita a gestão das nossas tendências contraditórias, podemos revelar-nos na comunicação, fazendo-o de diversas formas...

Uma delas, de que estamos eventualmente pouco conscientes, é quando falamos dos outros. Sim, nesses momentos estamos a dizer muito sobre nós. Por isso, quem estiver atento a tal circunstância, pode não ficar a saber muito sobre aquele ou aquela de quem falamos, mas fica a saber imenso sobre nós: azedos ou cordados; optimistas ou pessimistas; compreensivos ou radicais

Outra advertência é esta: mesmo quando calamos, falamos. Porque o nosso olhar diz preferências, a postura afirma, comenta ou desmente. Os sapatos, por exemplo, denunciam caminhos; o olhar revela o estado de espírito; os braços comunicam decisão, expectativa ou rendição...

Sim; o corpo é uma linguagem dentro de outra linguagem. Aliás, a primeira impressão que recebemos – diz Vittório Peri – é-nos dada pela pessoa que temos diante de nós». Mas já Cícero falava da “*corporis eloquentia*” (a eloquência do corpo).

Na comunicação pessoal, a fala é, no entanto, o recurso mais utilizado -- mesmo não sendo o que melhor serve os nossos pensamentos, sentimentos, conhecimentos e desejos – sobretudo se não “falarmos” com todo nosso corpo.

Admitindo que é o recurso mais frequente, entendo relevante dedicar algumas afirmações à importância da palavra – esse meio que diariamente utilizamos e que precisamente agora utilizo como janela da alma e ponte da comunhão.

Disse “janela da alma” e penso que disse bem... De facto, a palavra é veículo de revelação: por ela se espera que viaje a nossa verdade; e de tal modo que todos gostamos de, nela, ver reconhecida a nossa honorabilidade e coerência: «É um homem de palavra!». Nela pomos o peso das convicções que desejamos transmitir – a ponto de nela depositarmos todo o nosso capital de alma: «Dou-te a minha palavra!..».

Recordo o que diz o *Eclesiastes* (27, 5-7): «A prova do homem está no seu raciocínio. Nunca elogies um homem antes de o ouvir falar, porque o falar prova quem são as pessoas». Recordo também o que afirmou o Senhor Jesus: «O homem bom tira coisas boas do tesouro do seu coração, mas o homem mau tira do seu mau coração coisas más, porque a boca fala da abundância do coração» (*Lc 6, 45*)

Para quem a ouve, a palavra reflectida e madura é alimento. E tão precioso que algumas culturas não deixam que se confunda com os demais alimentos de que todos precisamos. Por isso, “impedem” que se fale enquanto se come. Anote-se: não por qualquer razão estética -- «não se fala com a boca cheia!» --, mas por um motivo muito mais poderoso: não convém que conflituem, prejudicando-se, dois alimentos igualmente necessários.

O Padre Pierre Diarra, teólogo africano, escreveu na revista “*Mission de l’Église*” (n. 147 –Abril-Junho de 2005) um interessante artigo onde dá conta da tradição de algumas zonas de África, onde se come em silêncio e o visitante chega mesmo a ser deixado sozinho enquanto toma a sua refeição. Entre os Tuaregues, por exemplo, é uma espécie de pecado venial tomar a palavra durante a refeição; e entre os Dogon é uma grosseria um jovem comer ou beber diante dos homens adultos, cuja palavra deve acolher como alimento. Os mesmos Dogon criticam fortemente os seus emigrantes que trocam a língua materna pela do país de acolhimento: «Que vergonha» – exclamam. «Aquele trocou a palavra pelo alimento!».

Para este povo, a palavra chega a ter *odor*. Por isso, a palavra ociosa e vazia tem um cheiro de morte, ao passo que a palavra sábia derrama um bom perfume, que se pode ... escutar!...Daí precisar de ser ouvida tranquilamente; doutro modo não haverá assimilação, não fecundará nem refrescará o coração. Estou a falar da chuva miudinha que rega a terra mais respeita os valados -- coisa que a trovoadas geralmente não faz: leva na enxurrada a terra, derruba muros e arrasa culturas

No respeito e na consideração pela palavra, os Dogon vão ainda mais longe: ao tímpano, que capta as palavras, chamam «dentes do ouvido»!... Mas que linda metáfora: captando atentamente, mastigam, para que o que se ouviu possa entrar no sangue e percorrer a pessoa.

Pablo Neruda escreveu: «Tudo o que você quiser, sim, senhor; mas são as palavras as que cantam, sobem e descem...Curvo-me diante delas e amo-as...Amo tanto as palavras. Tudo está na palavra. Uma ideia inteira muda de sítio se uma palavra muda de lugar, ou se outra se senta como rainha dentro de uma frase que não a esperava e lhe obedeceu... As palavras têm sombra, transparência, peso, plumas, pêlos,.. Têm tudo o

que se lhes foi colando no deslizar pelo rio e por tanto transmigrar de pátria em pátria, de tanto ser raízes. Vivem na urna escondida e na flor que mal começou a ser...» (*Pablo Neruda, “Confieso que viví, pag. 71*)

Volto a citar o *Eclesiástico (27, 11-13)*: «Mede o tempo quando estiveres entre os insensatos, mas demora-te quando estiveres entre os sábios».

Numa cultura que sofre os estragos da imagem, é bom que se valorize a palavra, como verdade pronunciada na pessoa e como caminho de que o homem precisa para ir à procura do sentido. Isto, contraposto a uma cultura pós-moderna que, nas palavras de Goethe, desterra a palavra em benefício da acção: o princípio, então, já não seria o Verbo, mas a acção...

### 3. *A Comunicação que escuta*

Se precisamos de saber dizer-nos, precisamos sobremaneira de saber escutar. Aliás, saber escutar é a difícil mas imprescindível condição para haver diálogo. Tomás Melendo garante, no entanto, que vale a pena -- «pois não há pessoa mais interessante ou simpática que aquela que sabe escutar-nos».

Escutar é aceitar a oferta do outro que se entrega também por palavras ou por silêncios. Sim, por silêncios... Aqui menciono uma afirmação de Peter Ducker: «O mais importante na comunicação é ouvir o que não foi dito»...

Sei que existem muitos cursos para ensinar a falar. E cursos para ensinar a ouvir?..

Um curso destes teria algumas cadeiras exigentes. Eis, a título de exemplo (e sigo, de perto, o que escreveu Tomás Melendo, num artigo intitulado “Acerca de la comunicación (y de las discusiones) entre los cónyuges), o que algumas delas poderiam ensinar:

- *ensinar a despir-se do preconceito* que é um pré-juízo que redundando em prejuízo: fecha-nos à novidade e ao mistério do outro.

O preconceito faz-nos pensar que já sabemos muito bem o quem o outro é, pensa e quer; de tal modo que, frequentemente, ainda ele não abriu a boca e já lhe estamos a dizer: «E tu nem te atrevas a abrir o bico!... Vê se estás calado!». E se ele, ainda assim, se atreve a pronunciar-se, corre o risco de ouvir a desconsideração: «Olha por quem Deus nos manda avisar... Será que já a formiga tem catarro? Querem ver que a conversa já chegou à cozinha?»;

- *ensinar que ouvir exige vontade, tempo e disponibilidade* e, por isso, necessita que se crie espaço na agenda e um ambiente adequado -- sem fontes laterais de distração, como o telemóvel, o email ou outros pólos frequentes de (des)interesse ou interferência.

Isto é fundamental. Realmente, num tempo em que estamos quase permanentemente em linha (conectados) com os ausentes, estamos muitas vezes desligados dos presentes e dos próximos.

Aqueles que hoje não ouvimos, amanhã não nos procurarão, com todos os riscos que isso comporta para a deterioração da vida comum e da própria confiança e fidelidade. E isto vale para todos os membros da família. O “agora não” soa muitas vezes, dentro da cabeça dos outros a “nunca mais”;

- *ensinar a cultivar a paciência*, para deixar o outro desenvolver o seu raciocínio, sem interrupções constantes e desconfortantes que, além do mais, demasiadas vezes desfocam o centro (tema) da conversa;

- *ensinar a olhar nos olhos*, pois a íntima relação que os olhos estabelecem ultrapassa aquilo de que as palavras são capazes. Os olhos dizem, exprimem, reflectem o interior da pessoa; e se as palavras se podem moldar, os olhos dificilmente mentem: são janelas.

Mas quando falo dos olhos é do olhar que estou a falar: do olhar que poiso no outro e que o outro poisa em mim;

- *ensinar a pedir que repita ou a repetir o que ouvimos*, para termos a certeza de termos entendido bem;

- *ensinar a fixar o positivo*, de modo que – independentemente de tudo – o outro sinta (e nós também sintamos) que vale a pena ir connosco à procura da verdade.

A verdadeira escuta, a verdadeira atenção ao outro é um acto de qualidade!.. Àqueles que não escutamos, negamos-lhes a existência.

#### **4. A família, escola de comunicação**

Isto que acabei de dizer deve aprender-se, em primeiro lugar e essencialmente, na família.

Muito bem no-lo recorda o Papa Francisco, na Mensagem para o próximo Dia Mundial das Comunicações Sociais, que celebraremos em 17 de Maio. Diz o Papa que a família é «a primeira escola de comunicação, feita de escuta e de contacto corporal, onde começamos a familiarizar-nos com o mundo exterior, num ambiente protegido e ao som tranquilizador do pulsar do coração da mãe».

A família é, pois, o “ventre” que nos prepara para o encontro exterior, mediante a «diferença de géneros e gerações»; mediante – usando de novo uma expressão do papa – a «língua materna» dos nossos antepassado e essa extraordinária aprendizagem do abraço, dos olhares e dos silêncios – assim como das gargalhadas ou das lágrimas conjuntas. Tudo vivido numa proximidade que se vai descobrindo e construindo.

Sim, meus amigos, estou a falar de um *ambiente* que envolve e, numa espécie de osmose, penetra e dá cor a cada um dos seus membros – sendo importante referir que este ambiente é muito mais determinante e decisivo que aquilo que se diz ou manda!...

## 5. Palavras-chave

Já referi que a comunicação procura a comunhão; não é mera informação... Traz a pessoa dentro e procura o outro para habitar o mesmo espaço. Por isso, chega a assumir formas incompreensíveis para os estranhos, como se houvesse um código secreto, que os profanos não sabem entender.

Recolhi, no Portal da Família, algumas palavras fundamentais para abrirem o coração alheio e que são de uso obrigatório numa família. Recolhi, também, as expressões que o Papa Francisco afirma decisivas para a comunhão e o bom clima familiar. Umas e outras glosas a meu modo:

- *Amo-te...*

Não sei que estranho pudor nos leva a esquecer uma das palavras mais lindas, reconfortantes e estimulantes que podemos pronunciar ou ouvir: Amo-te...

«Sim, amo-te. Confesso que estou incompleto sem ti, sem te olhar como marido, mulher, filho ou filha; como pai ou mãe; como irmão ou irmã; como avô ou avó.

Amo-te... E fazes-me falta; não como objecto, mas como o outro que me ajuda a ser eu e me enche de vaidade por me querer como seu outro. Quero amar-te cada vez mais gratuitamente, não pelo que me fazes ou dás, mas pelo que me permites dar-te...»

- *Admiro-te...*

Se um estranho pudor nos leva a esquecer uma das palavras mais lindas, outro estranho pudor fecha-nos os olhos e os lábios. Assim, muitas vezes o outro não sabe o que nos preenche e quanto nos preenche.

Soltemos o elogio e digamos: «Admiro-te...Tens de dizer-me onde recolhes essa força, essa capacidade de ter espaço e tempo; essa disponibilidade de somar horários, encurtar sonos e prolongar vigílias; essa arte de simplificar e multiplicar recursos; esse dom de curar minimizando a minha dor e tomar conta dela como se fosse apenas tua. Saber-me cuidado/curado por ti enche-me de espanto».

- *Obrigado...*

A ingratidão declarada ou vivida é filha do egoísmo (“eu mereço tudo”...) ou da vertigem (“não vi, não notei nada”...)

Urge recuperar a palavra “obrigado”; ou seja, reconhecer que o outro faz milhentas coisas sem lhe terem sido rogadas. E é bom que o reconheçamos e lho digamos...

«Obrigado pelo perfume, pelo nó da gravata, por teres telefonado, por te antecipares, por não te esqueceres.

Obrigado por te esforçares, por fazeres que o meu trabalho tenha sentido e por me ajudares a ter saudades de casa...

Obrigado pelo teu sorriso, o teu sacrifício, a tua ajuda, o teu colo, o teu silêncio.

Obrigado por teres esperado, não me teres pressionado com perguntas e me embrulhares no teu abraço».

- *Desculpa...*

A rotina entra demasiadas vezes nas nossas vidas. A fadiga torna as palavras ácidas ou afecta a cooperação de quem se julga mais cansado que o outro...

«Desculpa... Às vezes esqueço que também és humano/a e deixo para ti o que é dos dois: o cuidado da casa, a atenção aos filhos... Desculpa ter esquecido os piropos que sabia, as datas que anotaste.

Desculpa, filho, não ter ouvido, não ter descoberto, não ter estado no jogo em que intervinhas, não ter sabido explicar, não ter deixado no emprego o que ao emprego pertence – descarregando em casa palavras e azedumes que deveria ter limpadado no tapete da entrada.

Desculpem, pais, não ter olhado, não ter dito, não ter valorizado, ter-me queixado quando podia, simplesmente, partilhar um sentimento».

- *Ajuda-me...*

Alguém escreveu que quem quer andar depressa vai sozinho, mas quem quer chegar longe precisa de companhia.

«Nós escolhemos ir juntos... Ajuda-me a não preguiçar ou a não forçar para além da tua resistência. Ajuda-me a não me acomodar e a perdoar-me um eventual e circunstancial fracasso. E, já agora, ajuda-me a ajudar-te --- pois, como vês, ajoelho respeitosamente perante o teu mistério.

Se isso te ajuda, meu amor, para além das vezes que rezo contigo, rezo muitas vezes sozinho: e dou graças a Deus pelo bem que me fez fazendo-te».

- *Por favor...*

A intimidade não dispensa o respeito; a familiaridade não é indelicadeza; a pressa não justifica o atropelo da sensibilidade alheia.

«*Por favor* dá-me aqui uma ajuda, um conselho. Dá-me dois minutos... Já que vais passar perto da farmácia, traz-me, *por favor*, um creme igual ao que me compraste aqui há tempos».

- *Perdoa-me...*

Rezamos muitas vezes com o salmista: «Se olhares para os nossos pecados, quem poderá salvar-se?»

«Perdoa-me ter, porventura, frustrado alguma das tuas justas expectativas; ter-me descuidado e não ter investido neste nosso projecto conjunto todo o entusiasmo a que tinhas direito...

Perdoa-me, corrigindo-me, iluminando-me e...não desistindo de mim. Assim terei coragem de voltar, porventura, à casa de partida – não desanimando e não me resignando».

## **6. O decálogo do diálogo conjugal**

Como uma espécie de síntese deste momento dedicado à “família que comunica”, tenho o gosto de a sugerir-vos a leitura de um carta pastoral de alguém vosso conhecido: D. António Marto, bispo de Leiria/Fátima.

A diocese conclui, neste ano de 2015, um biénio dedicado à família como "comunidade de fé, de amor e de vida". A base de reflexão sobre o tema é uma carta pastoral intitulada “A beleza e a alegria de viver em família” onde, a dado passo, é apresentado o “decálogo do amor conjugal e familiar”, da autoria do bispo italiano Bruno Forte.

Transcrevo:

1. Respeita a pessoa do outro como mistério,
2. Esforça-te por compreender as razões do outro;
3. Toma sempre a iniciativa de perdoar e de dar
4. Sê transparente com o outro e agradece-lhe a sua transparência para contigo;
5. Escuta sempre o outro, sem encontrares pretextos para fechar-te ou fugir dele;
6. Respeita os filhos como pessoas livres;

7. Dá aos teus filhos razões de vida e de esperança, juntamente com a tua esposa ou o teu esposo;
8. Deixa-te pôr em questão pelas expectativas dos teus filhos e sê capaz de discutir com eles;
9. Pede a Deus, em cada dia, um amor maior;
10. Esforça-te por ser para o outro e para os teus filhos dom e testemunha de Deus.

## II

### **A família que se comunica**

Na inauguração da 2ª sessão do II Concílio do Vaticano, no dia 29 de Setembro de 1963, o Papa Paulo VI fez uma pergunta que ficou célebre: «*Igreja, o que dizes de ti mesma?*».

Atrevo-me hoje a glosar esta pergunta, dirigindo-a à família: “Família, que dizes de ti mesma? Como te comunicas? Que imagem dás de ti? Que testemunhas?”

Parece-me importante abordar esta questão, pois temo que – também no que à família diz respeito (e, sobretudo, no que às famílias cristãs diz respeito) -- se corra o risco de, nalguns casos, a letra não dizer com a careta. E, noutros, se viver uma espécie de felicidade e bem-estar quase clandestinos, sem intervenção nem testemunho. Apetecia-me dizer que muitas famílias vivem muradas, num condomínio onde parece haver de tudo –mas onde escasseiam portas e janelas e vontade de passear pelas redondezas.

Há umas duas semanas, discursando em Madrid, no Clube Siglo XXI, o arcebispo de Valência, o cardeal Cañizares, denunciava o silêncio dos crentes “no mundo”, dizendo, com ironia, que parte dos cristãos estão inscritos na “Confraria dos Ausentes”...

Ora, se é grave o silêncio que se instala dentro das famílias, é igualmente grave que estas não dialoguem com o exterior, não fermentem, não fecundem, não partilhem, não convivam, não testemunhem...Ou, como diria o Papa Francisco, sejam auto-referenciais em vez de arriscarem a estrada, como “igreja doméstica” e como “berço da sociedade”.

Não o fazendo, o que podia ser fermento é punhado de massa a azedar; o que podia ser fonte de energia e de luz é pilha ou bateria que se corrompe e vai derramar, corroendo circuitos. Realmente, todos sabemos que as pilhas têm propensão para vazamentos dentro dos equipamentos electrónicos sem uso frequente, afectando-os gravemente. Mesmo as alcalinas possuem hidróxido de potássio: um agente capaz de causar irritação na pele e nos olhos e problemas respiratórios.

A família é um capital social inegável e inigualável. Afirma Stefano Zamagni, professor da Universidade de Bolonha: a família «é o primeiro sujeito gerador de capital social, o primeiro determinante de capital humano e é geradora de capital relacional (...); é enriquecedor social. «O rosto humano de uma sociedade passa, indefectivamente, pela família». Ser humano, ser família e ser social são realidades equiparáveis. Mais: são realidades profundamente interligadas – de modo que uma não se dá sem as outras. Mas estão as nossas famílias conscientes deste papel? Vivem-no de facto? E exigem o devido respeito e reconhecimento de que o futuro da humanidade está nas suas mãos?..

Mas é que está, de facto. Basta pensar na família como educadora da fé, promotora do desenvolvimento, formadora da consciência dos direitos, transmissora de valores (como respeito, liberdade e participação), promotora da vida e da cultura comunitária.

A família assegura a “quantidade” e a “qualidade” dos cidadãos. O capital social depende dela. «Património da humanidade», como lhe chamou Bento XVI, se ela naufraga, afoga-se o homem!.. Por isso, as famílias – e *a fortiori* as famílias cristãs – têm de estar conscientes desta responsabilidade da sua dimensão social e assumi-la com um protagonismo activo, rompendo a tentação do sofá e da mui amena e simpática clandestinidade.

Os conteúdos e modos da sua acção social são, entre outros, o amor, a vida e a educação.

Na enumeração vou seguir, de perto, um documento do episcopado italiano, sobretudo no seu capítulo VI - “A participação da família na Igreja e na sociedade”.

Quando se refere a este último aspecto – a participação da família no desenvolvimento da sociedade – o texto começa por afirmar (n.162): «por causa da sua natureza, possui, de facto, um papel social original, insubstituível e inalienável». «À raiz dos vínculos vitais e orgânicos entre a família e sociedade junta-se o próprio acto criador de Deus que fez do matrimónio o fundamento e princípio da sociedade humana e imprimiu em cada família a missão de ser a primeira e vital célula da sociedade».

A família é o alicerce da sociedade, enquanto berço da vida e do amor, lugar primeiro da humanização da pessoa e da sociedade. Importa – digo-o uma vez mais – que todas as famílias cresçam nesta consciência e nunca esqueçam o seu direito/dever de exercitar a sua função social e política, como protagonistas activas.

*Como?... Já o disse:*

- pelo amor e a gratuidade nas relações, vividas e testemunhadas;
- pelo serviço à vida, que garante o futuro da sociedade. A família é o santuário da vida – sendo que a maternidade e a paternidade responsáveis têm um valor intrínseco;
- pela educação, que é um direito e um dever dos pais. Cumprindo-o contribuem para o bem comum da sociedade. A família deve ser, de facto, escola de humanidade e sociabilidade;
- pela solidariedade nas suas diversas manifestações. Exprime-se, antes de mais, na atenção vigilante e cordial ao quotidiano, nas pequenas acções de cada dia que mostram o amor concreto aos outros;
- pela intervenção social e política, sobretudo mediante formas associativas que possibilitam uma intervenção mais directa na definição de políticas familiares e sociais. Tanto quanto possível, em associações de cunho cristão; mas sem descurar, na atenção ao legítimo pluralismo, a pertença e a intervenção noutros organismos igualmente empenhados no bem comum;
- pela proximidade à escola, seja escolhendo aquela cujo projecto educativo mais se aproxima das opções familiares, seja recusando uma delegação incondicional e irresponsável. As famílias devem ter uma presença activa nas escolas;
- pela meditação, pela oração e pelo apostolado, sem as quais uma dimensão fundamental está dramaticamente ausente;
- pela atenção aos meios de comunicação social, que hoje têm dimensões antes desconhecidas ou menos claras: são uma cultura que configura um novo modo de ser homem e de se relacionar.

Mas obre isto falaremos logo mais...

### **III**

## **A família sob o impacto da comunicação externa**

Tinha dito que o dia ia ser duro. Provavelmente muitos de vós (a maioria) já estará cansada de me ouvir; e a verdade é que a procissão, se já saiu do adro, só agora está de regresso à igreja...

Para este tempo que nos volta a reunir proponho que pensemos na família sob o impacto da comunicação externa.

Vou sistematizar a reflexão em 3 pontos:

-novos media - nova cultura

-imagens da família nos media e sua influência

-a família não é um robot

## 1. Novos media – nova cultura

Comecemos por uma afirmação pacífica: qualquer evolução ou revolução tecnológica provoca profundas alterações na configuração social. O moinho de água, por exemplo, ajudou a configurar a sociedade feudal; e a máquina a vapor deu força à sociedade capitalista do século XIX.

No que respeita à comunicação, a influência das inovações tecnológicas pode apresentar-se assim:

-as novas tecnologias da impressão massificaram a leitura dos jornais;

-a popularização da rádio (1920-1940) levou o relato e o comentário dos grandes acontecimentos ao público, mesmo que analfabeto;

-o nascimento da TV, nos anos 40, permitiu mostrar aquilo que se contava; - a tv por satélite e por cabo, assim como o comando ou controle remoto, deram ao espectador poder de escolha.

Mas o homem continuou a desejar, porque a terra que procura chama-se “*Sempre Mais*”... E eis que a web (1993) e a web 2.0 (em 2004) tornaram possível o constante sonho de mais informação, mais cultura e mais relações.

Hoje, através das redes sociais, estamos conectados mesmo em lugares públicos, estamos imersos na revolução dos smartphones e habitamos um mundo hiper conectado, tanto em tempo real como geograficamente. Sem sabermos, entretanto, o que ainda nos espera...

Cada um de nós já se sente senhor de um poder que antes não (de)tinha. O poder quase absoluto dos media transferiu-se para as pessoas -- que hoje testemunham, divulgam e opinam, tornando-se criadoras de conteúdo não mediado. Passou-se de um esquema de usuários/receptores para o esquema de usuários/ produtores.

Mediante esta mudança constata-se, uma vez mais, que as inovações tecnológicas não são apenas isso ou fundamentalmente isso: novidades tecnológicas... É que, actuando no quotidiano do ser humano, alteram o seu modo de ser e de estar no mundo.

Falar das transformações resultantes das novas tecnologias é, por isso, muito mais que abordar instrumentos novos e externos a nós. É abordar as consequências culturais e antropológicas delas resultantes.

Hoje, em virtude da digitalização, estamos, indubitavelmente, numa **nova cultura** e perante um novo modo de ser homem ou mulher, habitantes de um sexto continente.

O universo digital tem, de facto, profundas consequências para a transformação da relação do ser humano consigo, com o outro e com a sociedade. E se isto é verdade para

cada um de nós, os mais adultos, imaginemos o que seja para quem já nasceu dentro do ambiente digital. Imaginemos como isso se repercute na sua cosmovisão, na sua religiosidade e até no seu novo modo de ser corpo.

Assentemos nisto: não estamos a falar de um frigorífico ou de um qualquer outro electrodoméstico ou instrumento. Estamos a referir-nos a relações distintas, por exemplo, com o tempo, o espaço, a presença, a identidade e o comportamento moral.

No *Instrumentum Laboris do sínodo sobre a nova evangelização para a transmissão da fé* (19 de Junho de 2012), n.62, não se passou ao lado desta questão e dos problemas ou possibilidades que gera.

O cenário comunicativo em que nos movimentamos foi assim ali descrito: «esta cultura acarreta (...) consigo *indubitáveis benefícios*: maior acesso às informações, maior possibilidade de conhecimento, de troca, de novas formas de solidariedade, de capacidade promover uma cultura cada vez mais à escala mundial, tornando os valores e os melhores desenvolvimentos do pensamento e da actividade humana um património de todos. Estas potencialidades não eliminam, porém, os *riscos* que a difusão excessiva de uma semelhante cultura já está a gerar:

Manifesta-se uma profunda atenção egocêntrica às necessidades individuais. Afirma-se uma exaltação emotiva das relações e dos laços sociais. Assiste-se ao debilitamento e à perda do valor objectivo das experiências profundamente humanas, tais como a reflexão e o silêncio. Observa-se uma excessiva afirmação do pensamento individual. Reduz-se progressivamente a ética e a política a instrumentos de espectáculo. A situação extrema a que podem conduzir estes riscos é à chamada cultura do efémero, do imediato, da aparência, ou uma sociedade privada de memória e de futuro».

Perturbador? Talvez para alguns. Para os crentes, um *desafio* ao compromisso, como se pede no mesmo documento: «Num semelhante contexto, é pedido aos cristãos a audácia de frequentar estes “novos areópagos”, aprendendo a dar uma valorização evangélica, encontrando os instrumentos e os métodos para tornar audível também nestes lugares hodiernos o património educativo e de sapiência conservado pela tradição cristã».

Aceitemos que a internet não é algo imaterial ou inumano; um mundo físico ou virtual - - mas um mundo habitado por pessoas e, por isso, um mundo onde cabem a fraternidade ou a raiva... E, para quem sente a obrigação de evangelizar, é um território a pedir missionários: missionários digitais.

O Jesuíta António Spadaro disse-o de uma forma radical no Congresso Mundial da *Signis*: estar na rede, hoje já não é uma opção; pelo contrário, faz parte de um momento importante na história da humanidade. Nesse ciberespaço cabe-nos um papel decisivo: fundir a interioridade com a interacção...

Se quiserem um resumo que caracteriza a cultura digital em que estamos mergulhados, partilho, resumido, o que o Presidente do Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais -- Dom Cláudio Maria Celli -- disse numa conferência que proferiu no México.

Resumo, pois. A cultura digital é:

É uma cultura *multimediática e flexível*, uma vez que a mensagem pode ser transmitida por meio de vários suportes e distintas linguagens, tais como o texto, o áudio, o vídeo, a música... Aliás, as próprias plataformas onde os meios estão ou querem estar são verdadeiros laboratórios: no uso da informação, na percepção do tempo, nos recursos expressivos e até na qualidade dos conteúdos cada vez mais nas mãos da própria audiência;

É uma cultura *deslocalizada e portátil*, pois que as mensagens são recebidas e emitidas não apenas *em* ou *de* lugares fixos, mas a partir de qualquer lugar e até em movimento. Isto faz, por exemplo, a abundância da informação – ao mesmo tempo que provoca uma mudança de era: hoje, no jornalismo online, já não é dramático não ser o primeiro a dizer, desde que se ganhe vantagem a actualizar, pois que a era da revelação está substituída pela era da actualização;

É uma cultura *atemporal* pois se pode ser, simultaneamente, emissor e receptor. Além disso, a comunicação em tempo real suprimiu os tradicionais momentos de espera. Há, pois, um “presente prolongado”. Vejamos, aliás, como o vídeo em tempo real se posiciona como oportunidade de negócio na rede e faz do “última hora” não o testemunho do que se passou, mas a transmissão, ao vivo da experiência ou do acontecimento. Ou seja: já não se conta a realidade, não se (re)constrói o acontecimento, transmite-se o que acontece.

O Facebook e o twitter são os pedagogos de um novo jornalismo. De facto, nas versões online dos media tradicionais podíamos ver o que os jornalistas escreviam e, com um pouco de sorte, comentar, mediante moderação, um ou outro assunto. No facebook tudo se passa de outra forma: estamos perante um sítio de notícias, mesmo que se resista a falar de jornalismo. E, ali, o “agora” arrasa a hierarquização... Basta verificar que a visita do Papa ou do Presidente da República tem o mesmo relevo que a visita de um amigo à casa de outro;

A cultura digital é, também, *conectiva e interactiva*, pois facilita o envio e a recepção de mensagens por parte de diversos interlocutores, que já não são passivos, mas activos;

É *omnipresente e invadente*: pode atingir os utentes em qualquer lugar onde se encontrem;

*Rompe com a categoria do espaço* e, assim, perdem importância a proximidade ou a distância físicas.

Repito: temos de ter a consciência de que estamos mergulhados num outro caldo cultural e não confrontados com meras tecnologias.

Raúl Bergoza, bispo de Ciudad Rodrigo falava há dias, num desdobrável da revista Vida Nueva, de um homem e de uma sociedade “tecnolíquida” e tecnodigital: insaciável, sem referências estáveis, narcisista, em busca de emoções e tendo como critério o juízo subjectivo.

Em questões religiosas e culturais, por exemplo, «o homem líquido manifesta um saber sem fundamentos, imerso numa Babilónia plural de linguagens e de formas, como se vivesse num labirinto sem centro nem periferias».

Todos temos de perceber que a internet não é mais um mero meio, mas um espaço e um ambiente onde se exprime também a vida dos homens.

No cyberspaço moram hoje milhões de pessoas. Em termos de Igreja; milhões de destinatários do Evangelho; também eles com o direito a que lhes seja apresentado o Nome que está acima de todo o nome, como resposta ao apelo de Bento XVI a uma renovada urgência na Missão, nascida de uma caridade que impele a evangelizar.

## 2. Imagem das famílias nos media e sua influência

Estamos mergulhados na cultura dos media: tudo o que atrás referi está dentro das nossas casas, alterando comportamentos familiares e sociais – porque há uma proposta de valores e modelos de vida. Muitas vezes, de modo discreto e subtil, como é o caso dos videojogos e das telenovelas; outras vezes, mais claramente.

A abundância de televisores, telemóveis e computadores em muitas casas está a dificultar o diálogo entre os membros da família. E se é certo que pais e filhos até podem ser amigos no facebook, partilhar fotos e trocar mensagens ou “visitar-se” por skype, é bom que não se esqueça que as verdadeiras relações familiares não podem ser substituídas por relações virtuais.

Entretanto, as famílias que vemos nos ecrãs são, frequentemente, construídas em torno de um modelo de uniões afectivas sem vínculos – sendo que a ideologia do género em muito contribui para a generalização da ideia de que a família é uma construção cultural.

Pertence a Norberto González Gaitano, professor da Universidade pontifícia de Santa Cruz, um dos vivos alertas para o facto de as televisões, as telenovelas e os talk-shows estarem a domesticar massivamente as audiências, reformulando novos modelos de família.

Precisamos de saber que não há meios neutros e que toda a comunicação tem uma dimensão moral. Para isso alertou, por exemplo, o Papa João Paulo II, na sua mensagem para o 38º Dia Mundial das Comunicações Sociais, precisamente intitulada “Os mass media na família: um risco e uma riqueza”.

Cito: «... a família e a vida familiar são também, com muita frequência, descritas de maneira inoportuna pelos meios de comunicação. A infidelidade, a actividade sexual fora do matrimónio e a ausência de uma visão moral e espiritual do vínculo matrimonial são descritas de maneira não crítica, enquanto se apresentam de modo positivo o divórcio, a contracepção, o aborto e a homossexualidade».

Não é, de certeza, por mera influência dos meios de comunicação social. Mas eles também contribuem para a mudança que se está a operar nas famílias portuguesas. E, a este propósito, cito alguns excertos de um estudo orientado pelo Professor Joaquim Azevedo, intitulado “Por um Portugal amigo das crianças, da família e da natalidade”: «Portugal está a mudar profundamente atitudes e comportamentos, os valores culturais tradicionais estão a ser substituídos por outros, sem que isso corresponda sempre à concretização dos desejos dos jovens e dos casais. Factores como a idade média do casamento e a idade da mãe quando do nascimento do 1º filho (25 anos de idade em 1960 e 29,7 anos de idade em 2013), a divorcialidade e a conjugalidade, a educação das crianças, a igualdade homem-mulher, variando ao longo do tempo, revelam as alterações drásticas operadas ao nível da instituição familiar, da fecundidade da mulher e da nupcialidade da nossa população.

O Índice Sintético de Fecundidade (ISF) – que traduz o número médio de nados vivos/mulher durante o seu período de fertilidade -, em redução desde o início da década de oitenta (cerca de 2,0) está, nos dias de hoje, numa situação de não retorno próximo de 1,21. Enquanto nasciam cerca de 100.000 crianças há quatro anos, agora estamos já abaixo das 80.000/ano. Esta situação impede a renovação das gerações e conduz a perdas drásticas de população, num horizonte de poucas décadas.

O INE adverte-nos com toda a clareza: as projecções para 2060 apontam para valores mínimos de 6,3 Milhões de habitantes num cenário “baixo” de migrações e fecundidade...»

### 3. A família não é um robot

Já disse que não há meios neutros – sendo que o essencial é como integrá-los nas vidas de cada um de nós. Para o compreendermos basta pensar na faca de cozinha: tanto descasca as batatas da refeição como, se usada inadequadamente, fere quem a maneja ou transforma-se mesmo em perigosa arma branca...

Urge, pois, que as famílias e os educadores não se pacifiquem num angelismo pouco inteligente, nem – por medo ou ignorância – se privem dos benefícios que os media contêm. Importa, isso sim, que estejam alfabetizadas nas novas linguagens, de modo a saberem potenciar os méritos e reduzir os riscos.

Os pais devem ensinar e acompanhar os menores no consumo audiovisual e devem ajudá-los a entender que há momentos em que a prioridade é o cara a cara, o toque, o convívio familiar.

Muito bem o afirma o Papa Francisco, na mensagem para o próximo Dia Mundial das Comunicações Sociais (17 de Maio), ao definir a comunicação como descoberta e construção de proximidade; como capacidade de abraçar, apoiar, acompanhar, decifrar olhares e silêncios, rir e chorar juntos.

Regresso à frase que titula este momento da nossa reflexão: *a família não é um robot..*

Realmente, um dos grandes efeitos das novas tecnologias é aceitar que o público é protagonista nos processos de comunicação. Hoje todos falamos de interactividade – o que quer dizer que já não há utentes passivos dos media: cada um de nós pode ser actor, dar opinião, seleccionar conteúdos e até produzi-los e difundi-los.

Isto significa que a responsabilidade ética não está apenas do lado dos media, mas também do lado do público. Decisivamente do lado do público.

O Secretariado das Comunicações Sociais de Espanha publicou, há dois ou três anos, aquilo a que chamou Dez mandamentos para o uso de jornais, rádio, tv, cinema e internet.

Não tenho tempo para os percorrer todos. Mas deixo-vos com os que julgo (ainda) mais úteis: os respeitantes à TV. E que podem, mediante adaptações, servir para outros media.

Traduzo, com os olhos postos no texto original de Eduardo T. Gil de Muro, apresentado no site da Conferência Episcopal Espanhola, secção de meios de comunicação social:

*Se pone usted ante el televisor y de entrada no se da cuenta –quizás no lo advierte– que está usted ante la gran pitonisa de nuestro tiempo. Ella, a poco que usted se descuide, se puede convertir en el gran compulsor de sus emociones y aun en el gran devorador de sus decisiones de conciencia. Opina uno que no sería malo tomar, previamente al hecho televisivo, una serie de precauciones que se me ha ocurrido fijar exactamente en diez. Son éstas.*

#### **1ª. Conozca usted la televisión**

No es el aparato ante el que se pone usted. Es más bien el producto plástico y sonoro que ha requerido para su factura muchos esfuerzos personales y económicos, más de un

quebradero de cabeza y hasta es posible que algún acomodamiento de la conciencia. Decía Francois Truffaut que un simple movimiento de cámara es de por sí un problema moral.

## **2ª. Ámela en lo que vale.**

No crea usted que la mejor solución a los problemas que puede plantear la televisión en casa es la de dejarla afuera. La de no tener televisión. La televisión, tan aparentemente apisonadora, es sumisa y es modesta. Es sencilla y no avasalla a nadie. Se sabe en manos del destinatario y respeta las decisiones del mismo. La televisión, sencillamente, oferta su producto. Y hay que amarla porque ese producto es múltiple y respetuoso. Usted tiene en la mano el mando a distancia. Y puede hacer con él lo que le parezca más oportuno. Y la televisión no se va a quejar a nadie.

## **3ª. No hay que verla solos**

La televisión no tiene que ser la sacudida del aburrimiento en esas largas horas en que no hacemos nada porque nada se nos ocurre. El espectador de la televisión tiene que ser generoso consigo mismo y con los demás. Y, hasta donde pueda, debe convocar a los demás a un espectáculo que enriquecerá a todos en la misma medida en que sepan compartirlo. El destinatario verdadero de la televisión no es el individuo, sino el grupo familiar. Entre dos o cuatro o cinco puede ver más y mejor que lo que es capaz de ver una persona sola... y solitaria.

## **4ª. No exija a la tele lo que la tele no puede dar**

Se le pide cultura. Una cultura uniforme. Se le pide que edifique virtudes en los ciudadanos, como si la moral fuera unitaria y catequética. Se le pide que no nos aburra. Se le pide que dé a nuestros ocios el divertimento que más vaya con nuestra capacidad de distracción. Hay que convencerse: la televisión no está para suplir las carências de algo o de alguien. La televisión, sencillamente, señala caminos. Para eso no hay que pedirle, además, que nos empuje por ellos.

## **5ª. Seleccione los programas**

Echen lo que echen, no se lo trague todo. Si usted es un consumidor a esgaya, acabará por hastiarse de la televisión y llegará imprudentemente a la conclusión de que no hay en ella nada que valga la pena. Yo le digo a usted que sí: que a diario hay en la televisión (en las muchas televisiones que tenemos), bastantes programas apetecibles. Inevitables, incluso. Hay que buscarlos, claro está. Y hay que hacer de entre ellos el menú de cada jornada.

## **6ª. Busque usted la almendra de cada programa**

Ya está hecha la selección. Ya nos sentamos a desmenuzar el menú que hemos preparado. Y bien: se va a dar cuenta de que cada programa tiene su exigencia: de tema, de realización, de compromiso. Reexamine usted la calidad de estos elementos. Comprométase con ellos. Retire la paja que pueda encontrar. Quédase con el grano, con la almendra. Es decir: conviértase de espectador pasivo en espectador inteligente

### **7ª. Cambiar de canal es cosa sabia**

Le pedirán a usted que no cambie. Le pedirán que aguarde un poquito mientras le tiran encima la red de la publicidad. No haga caso de esas instancias. Si a usted le gusta el programa que está viendo, siga usted con él pero sin que nadie le empuje. Pero si el programa no le gusta, sepa usted por qué lo abandona, pero abandónelo.

### **8ª. Rechace la violência**

Toda la violencia. La que viene en las películas con series contadas a propósito y conveniencia de la misma –la violencia- o la que se filtra en los documentos de la guerra abierta o de las facciones revolucionarias. La juventud que puede haber en la casa acabará por no distinguir la violencia de verdad –documental- de la violência construida. Y, violencia por violencia las imágenes son las mismas.

### **9ª. Hay que hablar de lo que se ha visto**

Los programas no deben morir una vez que han pasado por televisión. Los programas buenos tienen derecho a que se los discuta y a que se llegue con ellos a conclusiones estéticas o morales. O a las dos a la vez. Y el espectador inteligente hará bien en llevar sus ideas –las que se le hayan promovido por un programa- a la conversación de la casa o de la calle o de las reuniones de amigos. La escasa imaginación que padecen algunos para acercarse a determinados temas, puede ser aliviada generosamente por la televisión.

### **10ª. No todos los programas son iguales**

Ni son iguales sus formulaciones. Ni son iguales los destinatarios. Hay programas en diferido y hay programas en directo. Los “en directo” son la televisión más verdadera y habrá que tenerlo en cuenta. Los montados en estudio o los que van en diferido con posibilidad de manipulación de sus imágenes, siempre ofrecen sospechas. El espectador inteligente deberá tener en cuenta esas condiciones inevitables. Y esto y poco más se puede sugerir al actual o futuro espectador de esa maravilla de la cultura de hoy llamada Televisión. Digital o de la otra.

## **Conclusão**

Meus senhores, cheguei ao fim. Quero terminar com palavras que vos encorajem individual e colectivamente. Quero que sejam tão optimistas que, aos que vos disserem que os lírios são da família das cebolas, sejais de imediato capazes de responder que as cebolas são da família dos lírios (Edward Wallace).

De uma forma orante, recuperando um texto do meu livro “Transparências”, quero concluir deste modo:

«Quem tiver medo de se perder, que não saia de casa!...».

Esta frase, lida algures golpeia-me a memória. E lembra-me. Senhor Jesus, o Teu desafio aos discípulos na madrugada indefinida em que caminhaste sobre as águas: «Sou eu; não tenhais medo».

Ai como eu gostaria, Senhor, de Te entregar a minha fragilidade; esta fragilidade atrás da qual me escondo na hora do compromisso, como se Tu não fosses a minha força.

Como gostaria, Senhor, de partir para a terra que me indicas; partir sem esperar outro lucro que a alegria da Tua vontade.

Como gostaria de semear todo o meu trigo; semear abrindo generosamente a mão, sem temer a incerteza do tempo.

Liberta-me. Senhor Jesus, do medo. Porque a Tua graça é luz que rompe todas as noites; é ponte que vence «os vales tenebrosos»

*Fátima, 7 de Março de 2015*

*P. João Aguiar Campos*